

O REINGRESSO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA: EM BUSCA DE COMPREENSÃO DO PROCESSO

Maristela Pereira¹

RESUMO

Neste artigo serão apresentados resultados parciais de uma pesquisa exploratória de mestrado realizada com jovens e adultos com restrita escolaridade e que reingressaram na escola. Com o objetivo de compreender as motivações, expectativas e necessidades desses jovens e adultos que retornam ao sistema de ensino, foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas e questionários com 103 indivíduos. Os dados da investigação revelam histórias de privações, de sonhos nunca esquecidos, de marcas de estigmatização e de abandono a que estão submetidos os indivíduos que não possuem escolaridade básica. Por isso a diversidade cultural, a diversidade lingüística e o lugar social do sujeito concorrem e se imbricam na formação do adulto-cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de jovens e adultos. Reingresso na escola. Ato pedagógico.

1. INTRODUÇÃO

O desvelamento da realidade do jovem e do adulto que hoje retornam à escola constitui fator essencial como ponto de partida da ação pedagógica. A compreensão dos motivos que geraram a evasão escolar e as causas que trazem jovens e adultos hoje de volta à educação formal abre caminhos para a intervenção crítica do professor a fim de criar contextos de aprendizagem que garantam a esses sujeitos a apropriação de elementos mínimos que permitam o entendimento dos mecanismos que compõem a sociedade, a construção de sua própria palavra, de maneira competente e consciente e, por conseguinte, a melhoria de suas relações com o outro e sua atuação ativa e crítica nas diversas esferas da sociedade.

2. MOTIVOS QUE GERARAM A EVASÃO ESCOLAR

Na tentativa de responder por que motivo jovens e adultos interromperam sua trajetória escolar quando crianças, foram analisados 103 questionários e 22 entrevistas de

¹ Professora da Fundação Educacional de Brusque – FEBE e da Universidade Regional de Blumenau – FURB Mestre em Educação – FURB. E-mail: mpmf@furb.br

alunos, com idade entre 14 a 67 anos, de duas escolas de educação de jovens e adultos do município de Gaspar.

Pela análise das respostas, observa-se que a maioria (66%) apontou como principal motivo de seu afastamento da escola a necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento da família. Com isso, abandonavam a escola, pois se tornava difícil conciliar as duas atividades, já que teriam de continuar estudando numa escola de regime regular e cumprir, em fábricas, uma jornada de, no mínimo, oito horas e meia de trabalho diário. Muitos citam que passaram a ajudar os pais na lavoura, o que se tornava ainda mais cansativo, impedindo sua permanência na escola, como fica claro nestes depoimentos:

“Nós tínhamos que trabalhar pois meus pais tocavam a lavoura só com os filhos.”
(Questionário 63, aluna 50 anos).

“Eu interrompi meus estudos porque minha família era pobre e tive que ajudar meus pais desde cedo. Tínhamos 14 irmãos. Tinha que trabalhar na fábrica e depois em casa (na lavoura), onde não tinha mais tempo para estudar.” (Questionário 57, aluno 36 anos).

Os depoimentos coletados revelam a realidade de muitas famílias brasileiras, nas quais os filhos são obrigados a abandonarem a escola para, com seu trabalho, contribuir para o sustento dos irmãos, da família. Em geral, acabam por realizar qualquer tipo de trabalho para esse fim. Por isso, não basta que existam escolas públicas, é preciso que as crianças tenham condições de estudar, que os pais possam adquirir o material necessário para o estudo e mais: que a permanência das crianças na escola não se choque com a satisfação de uma necessidade básica: o sustento da família. Apesar de a oferta de vagas ter aumentado nos últimos anos, ainda há muito a ser feito para garantir às crianças o direito constitucional da escolaridade básica.

Além desse principal motivo – relacionado ao fator econômico – outra causa para a interrupção dos estudos apontada pelos sujeitos da pesquisa (23%) foi a falta de incentivo dos pais que, na época, não viam o estudo como condição para a conquista de um emprego e permanência no mercado de trabalho, já que, para o trabalho operário, a restrita escolaridade não constituía obstáculo. Essa idéia era passada aos filhos que também valorizavam o trabalho – que lhes garantiria o sustento – em detrimento da formação escolar. A leitura que eles fazem de sua condição, entretanto, parece simplista e superficial, pois percebem o problema em termos individuais, não se enxergam como pessoas marginalizadas do processo escolar por causa de sua condição social, em função das desigualdades sociais, que garantem o ‘direito’ à

escolarização àqueles cujos pais podem mantê-los no sistema escolar. Depoimentos dos sujeitos pesquisados mostram a avaliação que fazem da situação e de como estudo e trabalho estavam dissociados. Eis dois exemplos:

“O pai, talvez as pessoas antigas, eles não tinham um conhecimento que poderiam chegar pro filho e explicar pro filho que o importante seria estudar. (...) Hoje o pai ou a mãe incentiva o filho a estudar, mesmo com o trabalho.” (Aluno Hélio, 30 anos).

“Parei de estudar para trabalhar, achei que era melhor. Achava que o estudo não era importante, que eu não iria precisar dele.” (Questionário 65, aluno 22 anos).

Essa falta de incentivo se intensificava quando associada aos papéis do homem e da mulher em casa. Ao homem, chefe de família, caberia a responsabilidade maior no sustento da família e à mulher, o papel de mãe, o que não exigia estudo. Hoje, porém, algumas já percebem seu direito de participar em outras esferas sociais, de serem cidadãs e de como o estudo, antes lhes negado por sua condição de mulher, poderá beneficiá-las nesse sentido.

“Minha mãe morreu e meu pai não valorizava a mulher pelo estudo, na opinião dele a mulher era só dentro de casa, era só fazer o servicinho da casa e pronto.” (Aluna Fátima, 36 anos).

“Comecei a trabalhar e não tinha mais tempo. E não tinha incentivo dos pais. Por ser mulher não precisava estudar, era perda de tempo. E hoje me arrependo muito mesmo.” (Questionário 104, aluna 20 anos).

Outro motivo que se destaca, apontado por 21% dos alunos pesquisados, foi o fato de haver somente escola até a quarta série do Ensino Fundamental no local onde residiam e a dificuldade de se locomoverem para outra escola, onde pudessem continuar seus estudos.

Alguns alunos pesquisados revelaram que estavam apenas esperando uma oportunidade para voltarem a estudar. Observa-se, no entanto, que a maioria não está ciente de seus direitos como cidadãos, não é capaz de perceber a responsabilidade que deveria ser assumida pelas autoridades governamentais para atenderem a essa demanda de jovens e adultos que ficaram e ficam à margem do sistema escolar.

“Tinha dificuldades por causa dos horários, não tinha colégio que favorecia os horários de trabalho, que desse para conciliar a escola junto com o trabalho... [...] até que surgiu a oportunidade. Então foi mais por isso, por causa dessa chance que surgiu. Porque, do contrário, talvez estava parada ainda.” (Aluna Cida, 40 anos).

A falta de interesse pelos estudos, a ausência de vontade de estudar foi motivo citado por 14 alunos. Outros (8), ainda, responderam que não gostavam de estudar. Quatro alunos revelaram que tinham dificuldades de aprendizagem e acabaram desistindo por isso. Também a separação dos pais e problemas familiares, gravidez, mudança de cidade, foram outros fatores que levaram alguns a abandonar a escola, conforme as respostas analisadas.

Diante de todas essas respostas dadas, o que parece ter ficado claro é que o jovem e o adulto que chegam hoje à escola, que retornam depois de anos afastados, passaram por uma série de dificuldades, tiveram que muito cedo ingressar no mundo do trabalho e assumir responsabilidades de adulto, mesmo sem terem atingido, cronologicamente, a idade adulta.

3. REINSERÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SISTEMA ESCOLAR: PRINCIPAIS CAUSAS

Desvelar e compreender os motivos que trazem esses jovens e adultos de volta à escola hoje parece condição *sine qua non* para se realizar uma intervenção educativa que possa contribuir significativamente para a educação desses sujeitos. Novamente os questionários aplicados e as entrevistas realizadas formaram os dados da pesquisa para se chegar a essa compreensão.

De uma forma geral, os 103 sujeitos pesquisados citaram mais de uma razão para terem reingressado na educação formal. A mais citada, presente em 60% das respostas, está, de alguma forma, relacionada ao trabalho. Para muitos, a empresa está exigindo seu retorno à escola, sob pena de perderem o emprego. Outros temem a competição no mercado de trabalho ou já tiveram alguma experiência de desemprego e sentiram que, “*sem estudo, neste século em que vivemos somos comparado igual a um barco parado que está com algum defeito. Enquanto não for consertado, não está em condições de trabalhar.*” (Questionário 87, aluno 22 anos). Suas vivências já lhes mostraram sua condição de inferioridade, seu lugar na sociedade: à margem, esperando o conserto. Para eles, já está claro que trabalho e estudo caminham lado a lado, ao ponto de a falta de estudo privá-los dos meios que garantirão seu sustento e da família, deixando-os sem condições mínimas de empregabilidade, como uma peça defeituosa que compromete a engrenagem da sociedade. “A exclusão da educação é uma ameaça direta à sobrevivência.” (ASSMANN, 1996, p. 35).

Para que se possa atender esses alunos-trabalhadores, seria necessária uma oferta maior de escolas para adultos, adaptadas aos horários disponíveis desses trabalhadores, voltadas à sua realidade e necessidades. Além disso, parece fundamental o reconhecimento do

papel crucial da educação para essas pessoas, para todos, como pré-requisito para que sejam capazes de se integrarem a um sistema produtivo, façam parte de uma sociedade moderna que exige o domínio dos instrumentos da cultura letrada na própria vida cotidiana, possam se apropriar de informações variadas que circulam no mundo e que afetam suas vidas.

E entender a participação das pessoas em sociedades modernas e complexas significa levar em conta as transformações sociais, as condições que regem hoje o acesso e a permanência no emprego, o volumoso conjunto de conhecimentos em permanente mutação. Tudo isso leva à necessidade de se avaliar e ampliar a noção de alfabetização, estendendo-a ao domínio da alfabetização científico-tecnológica. “São três os analfabetismos por derrotar hoje: o da lecto-escritura (saber ler e escrever), o sócio-cultural (saber em que tipo de sociedade se vive, por exemplo, saber o que são mecanismos de mercado), e o tecnológico (saber interagir com máquinas complexas). Toda escola incompetente em algum desses aspectos é socialmente retrógrada.” (ASSMANN, 1996, p. 22). Parece que a educação escolar tem mais um desafio a superar: a exclusão de grande parte da população em relação ao acesso às novas tecnologias das sociedades contemporâneas.

Se por um lado, as novas exigências do mercado de trabalho determinaram a decisão da maioria dos pesquisados de transporem os anos de vazio escolar, para outros (17,3%), também, o retorno à escola parecia um sonho inatingível. Da mesma forma, a vontade de aprender mais, o desejo de aprimoramento pessoal, a necessidade de se manter atualizado, foram fatores decisivos nesse passo. Do total dos pesquisados, 32,6% relacionaram esse motivo, entre outros.

“Eu sempre gostei de estudar e tinha a esperança que um dia eu ia conseguir realizar este sonho.” (Questionário 62, aluna 38 anos).

“Eu voltei pra ter mais conhecimento, pra conseguir um trabalho melhor, pra evoluir mais.” (Aluna Cláudia, 20 anos).

Pode-se observar também que, apesar de as pessoas pouco letradas possuírem muitos conhecimentos importantes e úteis, elas se sentem excluídas de muitas possibilidades de trabalho e de convívio na sociedade, o que resulta, não raro, em um sentimento de incapacidade, de baixa auto-estima, de insegurança, em função de não dominarem os conhecimentos que são adquiridos na escola.

Assim, o fato de retornarem à escola, como foi enfatizado por muitos, significa possibilidade de crescimento, de se relacionar com outras pessoas, de se sentir como alguém

que está aprendendo pela interação com o outro. Significa também expansão de sua visão da realidade, poder evoluir com os outros e com o mundo.

“Eu vou ter mais conhecimento, eu vou acompanhar mais o mundo, não vou ficar parada no tempo... Eu acho que quando eu tiver no meio dos meus amigos eu vou poder conversar mais, não vou estar muito lá pra trás...” (Aluna Cláudia, 20 anos).

“Porque você deve estar sempre bem informada. E o estudo é super importante na vida de uma pessoa. Hoje sem estudo você fica por fora de tudo, não fica informada, mas sim atrasada e até mesmo sente-se inútil.” (Questionário 77, aluna 25 anos).

Dos 103 pesquisados, 15 responderam que voltaram a estudar por causa do desejo de ajudarem os filhos nas tarefas escolares, manifestando sua percepção da importância da escola. Vê-se que até no âmbito do convívio familiar crescem as exigências educacionais, pois os pais, para poderem acompanhar a trajetória escolar de seus filhos, necessitam de preparo e atualização constantes.

“Eu tinha muita dificuldade. As minhas filhas começavam a perguntar as coisas pra mim e eu estava parada no tempo. Daí eu disse: não, eu vou ter que continuar, vou ter que estudar para pelo menos acompanhar elas.” (Aluna Lucimar, 40 anos).

“Voltei para poder participar com mais empenho na educação e nos estudos dos filhos.” (Questionário 66, aluno 29 anos).

Pelos dados analisados, pode-se verificar que alguns (10) já pensam em seguir adiante, vêem o Curso Fundamental e Médio como um caminho, uma porta que se abre para novas possibilidades de estudo, objetivando um curso técnico ou de nível superior. Além dessas causas, foram mencionados, ainda, o incentivo de familiares ou amigos, a oportunidade que se abriu com uma escola para adultos, a *“vontade de recuperar o tempo perdido”* e de *“ser alguém”*.

“Eu sempre tive vontade de fazer uma faculdade de Assistente Social...” (Aluna Regina, 39 anos).

“Preciso do primeiro grau para poder fazer o Auxiliar de Enfermagem, porque gosto de cuidar de idosos e crianças.” (Questionário 34, aluna 39 anos).

Todos esses depoimentos certamente dizem um pouco das motivações dos jovens e adultos que voltam à escola. Trazem à tona sua história de vida, seus desejos, suas expectativas em relação ao estudo e como este se relaciona com seu projeto de vida. Conhecer esses dados é conhecer parte das experiências que compõem sua vida. Sua análise cuidadosa

requer uma abertura para o outro, no sentido de entendê-lo, tendo em vista suas aspirações como ser humano que vive diversos papéis, seja no trabalho, na família, na comunidade e, principalmente, como ser em desenvolvimento, em formação, um ser em movimento no mundo e com o mundo. Por tudo isso, à medida que o educador que se dedica à educação de jovens e adultos estiver atento a todos esses fatores, melhor compreenderá seus alunos e mais produtivo e fecundo tornará o encontro na sala de aula.

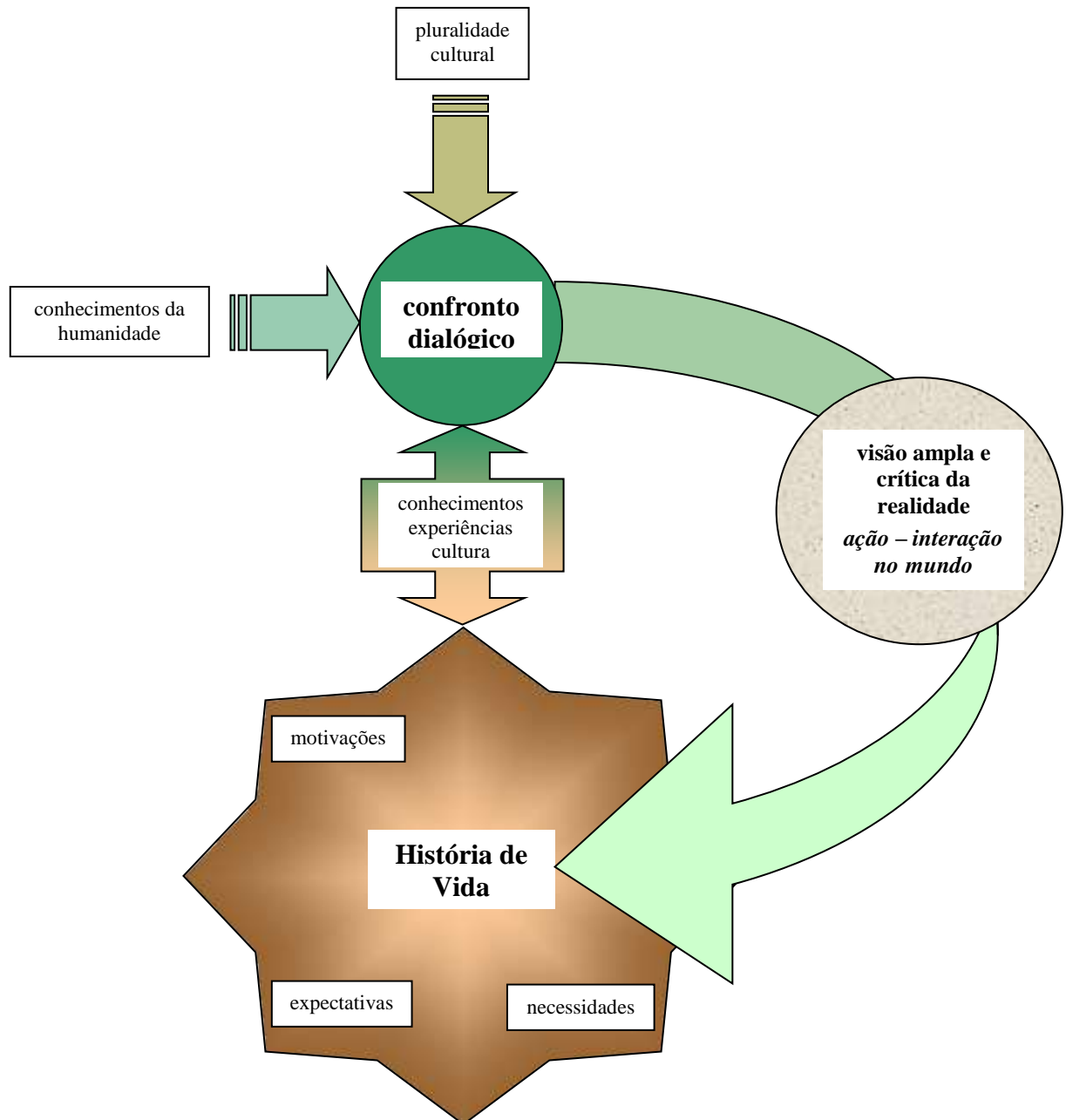
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos revelam a trama que envolve os indivíduos em sua realidade, na realidade de um mundo que exige deles formação escolar para continuarem a exercer seu papel de trabalhadores e trabalhadoras, implicados na relação de pais, mães, suporte econômico da família. A necessidade de trabalhar os tirou da escola e, hoje, a permanência no trabalho exige que eles retornem a ela. Ao mesmo tempo, reingressar na escola não parece uma decisão fácil, principalmente quando são escassas as oportunidades oferecidas ou não se adaptam ao seu tempo disponível e, ainda, requer uma reorganização da vida familiar e profissional e hábitos de estudo, como leitura e escrita.

Assim, parece necessário que o educador realize, inicialmente, um trabalho de valorização do adulto, de sua história de vida, que traga à tona as condições de sua existência, as causas de sua ‘evasão’ escolar. Além disso, para que ele supere os bloqueios iniciais, é importante que sejam propostas tarefas que dêem lugar a suas experiências pessoais. Em geral o jovem e o adulto com restrita escolaridade não tem o hábito de ler e escrever, a menos que seu trabalho o exija, por isso, “inúmeros adultos perderam o hábito de aprender.” (LÉON, 1977, p. 26). Diante disso, num primeiro momento, o aluno precisa de determinado tempo para se adaptar, se engajar no processo de formação como alguém que sabe que possui conhecimentos, mas que, na inter-relação com os demais sujeitos-aprendentes, busca saber mais.

Finalizando, o esquema abaixo, *O processo educativo : da vida à vida*, apoiado nos elementos colhidos a partir de reflexões suscitadas pela pesquisa e inspirado, principalmente, nas idéias de Paulo Freire, visa representar uma síntese, ainda que transitória, do processo educativo em movimento, partindo da história de vida dos sujeitos-aprendentes – jovens e adultos – de sua realidade, em seu espaço e tempo, de seu repertório de experiências, seus conhecimentos construídos, em confronto dialógico, no espaço de interação e interlocução da

sala de aula, com os conhecimentos produzidos pela humanidade, com outras culturas em diferentes épocas e lugares, a fim de gerar uma visão mais ampla e crítica da realidade e preparar as pessoas para viverem de forma participativa na sociedade, ampliando sua ação e interação no mundo, conscientes de sua cidadania.



O processo educativo: da vida à vida

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LÉON, Antoine. **Psicopedagogia dos adultos**. Trad. por Ivone de Andrade e Maria Elisa Mascareñas. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.